A LEITURA E A ESCRITA: DOIS PROCESSOS QUE CAMINHAM LADO A LADO

ANDREA FUNDATO DE SOUZA SANTOS

RESUMO
A leitura e a escrita são dois processos intrinsecamente conectados, que caminham lado a lado, influenciando-se mutuamente e enriquecendo a experiência humana. A capacidade de ler e escrever não apenas amplia o nosso conhecimento e compreensão do mundo, mas também molda a nossa expressão e pensamento de maneiras profundas. A leitura é a porta de entrada para um universo de informações, ideias e emoções. Por meio dela, mergulhamos em outras realidades, viajamos no tempo, conhecemos diferentes culturas e expandimos nossa visão de mundo. Cada livro, cada texto, cada palavra lida é um convite à reflexão, ao aprendizado e ao crescimento pessoal. Por outro lado, a escrita nos permite externalizar nossos pensamentos, sentimentos e experiências de forma única. Ao colocarmos nossas ideias no papel (ou na tela), damos forma às nossas emoções, transmitimos mensagens, registramos histórias e contribuímos para o diálogo e a troca de saberes. Dessa forma, a leitura e a escrita se complementam e se fortalecem. Enquanto a leitura nos inspira, a escrita nos desafia a organizar nossas ideias, a aprimorar nossa capacidade de comunicação e a exercitar a criatividade. São dois processos que se retroalimentam, criando um ciclo virtuoso de aprendizado e evolução constante. Portanto, ao valorizarmos a leitura e a escrita e ao cultivarmos o hábito de praticá-las regularmente, não apenas enriquecemos a nossa própria vida, mas também contribuímos para a construção de uma sociedade mais crítica, informada e criativa. São dois caminhos que, juntos, nos conduzem ao desenvolvimento pessoal e coletivo, ampliando horizontes e abrindo portas para um futuro mais promissor.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita; Horizontes; Leitura.

INTRODUÇÃO

A escola como todos sabem, é um lugar privilegiado para estimular o gosto pela leitura, e a integração das crianças ao contexto socioeconômico e cultural, pois o ato de ler proporciona novas perspectivas, permitindo ao leitor posicionar- se criticamente diante da realidade.

A leitura como uma das formas de acesso ao conhecimento está intimamente ligada à escolha do tipo de texto a ser trabalhado em sala de aula. Construir sentidos sobre algo que não faz parte do contexto histórico social do aprendiz limita e castra as possibilidades de criação e desenvolvimento; seria como escolher um tema que anda não seja dominado, naquele momento pelos alunos. O bom senso do educador nessa escolha é fundamental, preparando e propiciando um ambiente para os desafios de interpretação e compreensão, tornando a leitura em uma tarefa prazerosa.

A leitura implica no reconhecimento de um sentido, a criança precisa saber decifrar os signos, para efetuar a leitura, podendo ocorrer diferenças no entendimento do texto, na sua produção e na sua recepção, também precisa saber escolher o significado mais apropriado para as palavras. A medida em que fazemos uma leitura vão surgindo imagens que se interligam, se completam e se modificam, essas somadas a nossa experiência, nosso estado emocional, nossas premissas, nos auxiliarão a entender o texto. Quanto mais lermos, mais detalhe entrará no texto. Deve- se ler atentamente, prestando atenção a todos os detalhes. Passando algum tempo se começarmos novamente, poderemos perceber novos significados que antes, nas primeiras leituras não havíamos percebido. A partir da nossa organização interior a leitura terá múltiplo sentidos.

Segundo Orlandi (2000, p.39), “ler e escrever são, hoje, duas práticas sociais básicas em todas as sociedades letradas, independentemente do tempo médio com elas despendido e do contingente e pessoas que as praticam”.

É conferida a escola a função de formar o pequeno leitor e desenvolver o hábito pela leitura e a integração da criança ao contexto

socioeconômico e cultural, pois o ato de ler proporciona novas perspectivas, permitindo ao leitor posicionar-se criticamente diante da realidade.

A leitura implica no conhecimento de um sentido, a criança precisa saber decifrar os signos, para que possa efetuar a leitura, podendo ocorrer diferenças no entendimento do texto, na sua produção e na sua recepção, também precisa saber escolher o significado mais apropriado para as palavras. na medida em que fazemos uma leitura vão surgindo imagens que se interligam se completam e se modificam, essas somadas a nossa experiência, nosso estado emocional, nossas premissas, nos auxiliarão a entender o texto. Quando mais lermos mais detalhes encontraremos no texto. Deve-se ler atentamente, prestando atenção a todos os detalhes. Passado algum tempo se começarmos novamente poderemos perceber novos significados que antes, na primeira leitura, não havíamos percebido. A partir de nossa organização interior a leitura terá múltiplos sentidos.

Há necessidade tanto da família e da escola de investir na formação do jovem leitor, incentivá-lo ao hábito da leitura, não somente destinada a escola. A criança está habituada no seu cotidiano a fazer outros tipos de leitura, ela lê o mundo, as coisas que a rodeiam. E como meio de prazer e informação devemos proporcionar à criança livros que estejam próximos a sua realidade levantem questões significativas para ela, como o caso da Pimpa. Quando o ato de ler se configura, inicia o processo de identificação com os personagens e com os acontecimentos, tornando gratificante e prazeroso o ato de ler, transpondo as crianças a um mundo de fantasia e ao mesmo tempo de realidade, por estar próximo a elas. A leitura, muitas vezes vem suprir a necessidades, carências, favorece a adaptação social. O professor deve promover a leitura entre os alunos, sensibilizando-os, oferecendo diferentes contatos com textos escritos, desenvolver a capacidade de ler e escrever, como forma de autoexpressão e apreensão do mundo.

A arte de escrever é uma das formas superiores da linguagem, pois ela requer que a criança seja capaz de conversar a ideia que tem em mente, tendo que ordená-la numa determinada sequência. Há a necessidade de se planejar e esquematizar a colocação no papel e está passa a ser a parte difícil, mas necessária. Quando pedimos para que se redija algo, temos antes, porém, ter a certeza de que a criança já tenha adquirido suficiente desenvolvimento físico, intelectual e emocional, todas as habilidades necessárias para aprender.

Quando começamos a discutir sobre qualquer assunto e este nos incita a continuar a argumentar, estamos motivados a querer expressar nossa opinião de forma categórica, e gostaríamos de ter a última palavra, mas todos nós sabemos que no meio de uma discussão filosófica, onde várias pessoas estão participando, raramente podemos ter a oportunidade de a nossa palavra ser a última, dessa forma podemos colocar nosso pensamento na nossa escrita. Isto não deixa de ser um meio para que possamos colocar em folha tudo que vem a nossa mente, ou seja o nosso pensamento, sem que haja interrupções de outras pessoas. O documento escrito é mais eficiente para a fixação e conservação das ideias, leva uma grande vantagem sobre a memória, quando registramos algo, este fica gravado para sempre.

A evolução da escrita se faz em ritmo pessoal, com um sentido que é próprio da criança. Existem pessoas que adquirem mais facilidade para escrever, são as diferenças individuais, por esse motivo, há muitos alunos que sentem “medo”, chega ser até traumatizante transcrever seus pensamentos. Para que se torne menos temido, seria aconselhável primeiramente deixá-lo escrever do mesmo modo em que se falam, e aos poucos, com um jeito, após adquirirem confiança na sua capacidade, comecem a modificar seu modo de se expressar, de acordo com as formalidades de nossa língua e aos poucos vão se aperfeiçoando e perdendo esse medo. Quando escrevemos, dispomos da maior parte do tempo em refletir sobre uma melhor forma de expressar, ou seja, transmitir da melhor forma possível aquilo que queremos dizer.

AUTONOMIA NA SALA DE AULA

As aulas de filosofia para criança estimu-

lam o pensar, portanto devemos motivar os alunos a desejá-la, e a pensarem por si mesmos. Dessa forma passarão a agir mais criativamente e reflexivamente.
As pessoas têm estilos diferentes, umas são mais retraídas outras mais extrovertidas, por esse motivo e que temos que criar um ambiente favorável para o bem pensar, o clima é importante, porque cada um se desenvolve diferentemente do outro, e necessita de tratamentos diversificados, se não soubermos o que fazer comprometeremos o pensar das crianças.
A informação e o conhecimento devem ser fornecidos de forma clara e concisa, de modo que tenha significado para elas, e entendam o que ela está acontecendo.

O conhecimento, por si, dá ao objeto cognoscível um novo modo de ser para a criança. Novo, porém só na consciência humana, não na realidade. Os fundamentos para uma análise do processo de conhecimento e da construção das subjetividades no interior das relações educador-educando nas quais ambos co –intencionados -lá realidade, tornam-se sujeitos do ato de conhece -lá, pois: "... as crianças precisam crescer no exercício desta capacidade de pensar, de indagar, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e de não apenas seguir os programas a elas, mais do que propostos, impostos. As crianças precisam ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que faz decidido. Se as liberdades não se constituem entregues a si mesmas, mas na assunção ética de necessários limites, a assunção ética desses limites não se faz sem riscos a serem corridos por elas e pela autoridade ou autoridades com que dialeticamente se relacionam". (FREIRE, 200, p. 78).

A curiosidade natural do sujeito face ao mundo e a atividade da consciência são fundamentos ontológicos da reflexão e da ação humana.
O ser humano está no mundo e com o mundo, podemos chegar a compreendê-lo como globalidade. Entretanto, no cotidiano, o saber é predominantemente não crítico.
Se a realidade, enquanto compreendida apenas existencialmente era sentida como indesejável, após a tematização, deixará de ser apenas sentida e poderá ser compreendida ou não insatisfatória.
Com a confirmação ocorrera à luz de um conhecimento mais profundo da realidade, da descoberta dos limites ou das possibilidades que representa para realizar o projeto libertador, impõe-se como decisivo o momento das opções: mantê-la ou transformá-la.
As ideias de Freire sobre a teoria do conhecimento rompem com os padrões clássicos relativos a mesma. Embora valorize o existente, partido dele, sabe superá-lo e lhe dá um novo enfoque. Um desses aspectos é a integração entre ensino, aprendizagem e pesquisa.
Em sua teoria, focaliza-os como momentos de processo global de conhecimento. Ao abordá-los, o interesse primeiro não é o método, ocupa-se mais com a compreensão filosófica, sociológica e política do conhecimento enquanto instrumento de intervenção consciente no contexto histórico.
Um ponto comum e fundamental, nas abordagens de Freire (2000) é a compreensão de que o conhecimento engloba a totalidade da experiência humana. O conhecimento da realidade e a transformação dela, visando a construir um mundo no qual todos possam realizar a humanidade, constituem a meta pedagógica da libertação.

A IMPORTÂNCIA DE A CRIANÇA PENSAR BEM
O ato de pensar é algo que ocorre sem que possamos perceber com exatidão como ele se processa, é tão rápido e natural que, muitas vezes, passa-nos despercebidos. Numa discussão animada, são tantos pensamentos que surgem, comentários, sugestões, respostas, discordâncias, escolher qual frase que se encaixa melhor no momento, quais as palavras mais adequadas, avaliar criticamente todos os comentários envolvidos, são tantos detalhes que nem percebemos a complexidade do nosso pensamento. Esses são alguns dos fatores em que a criança deve ser estimulada desde pequena, apesar do pensamento ser natural e todos nós o praticarmos, precisamos aperfeiçoá-lo e estimular as crianças a pensar bem.
Piaget observou o comportamento verbal das crianças e pôde perceber que quando se

comunicavam, elas sentiam necessidade de pensamentos, se interessavam em avaliar como estavam pensando e a partir dessa comparação mudavam ou não seu modo de pensar e agir.
Segundo o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, para que o pensamento seja objetivo e bem estruturado, devemos criar condições de desenvolver adequadamente as habilidades cognitivas de raciocínio e investigação, estas nos auxiliam "...instrumentos ou pré-requisitos para o Pensar Bem, são as bases para qualquer aprendizagem. Estas precisam estar disponíveis, nas crianças e jovens, antes durante os vários momentos da aprendizagem. Elas operam integramente e quando solicitadas e presentes no processo de aprendizagem, desenvolvem-se ainda mais". (texto do Centro Brasileiro de Filosofia).
Segundo Lipman (1995), as pessoas já nascem com habilidades que permitem o pensar. Por isso todos pensam. Mas, nem todos pensam bem.

HABILIDADES VARIADAS
A própria criança age sobre o seu desenvolvimento, portanto, ela mesma vai construir seu conhecimento, através da ajuda de outras pessoas, as quais proporcionarão situações que irão desafiar o raciocínio desta, gerando desequilíbrio na medida em que o professor requer dela uma nova situação desafiadora.
De acordo com Piaget "... o desenvolvimento cognitivo do indivíduo ocorre através de constantes desequilíbrios e equilibrações...". Apesar de esse processo ser continuo ele se divide em quatro estágios de desenvolvimento lógico, que podem variar de acordo com o ambiente, diferenças individuais e os desafios que estimulam ainda mais o desenvolvimento cognitivo, Para Bruner os três modos de representar o mundo são: inativo que fixa as imagens e as respostas motoras, icônico a qual a imagem entra em ação através da utilização da linguagem e simbólico iniciação da escrita.
Em relação ao sistema cognitivo, Piaget divide nosso desenvolvimento de maneira clara. Para ele ao nascer à criança biologicamente apresenta um esquema reduzido de cognição, ou seja, partilhamos ideias de Vygostsky, Piaget deixa claro que todo sistema cognitivo da criança se desenvolve de acordo com sua interação com o meio externo, como lembram Davis e Oliveira (1992).
De modo que esse sistema de cognição será mais complexo com o passar do tempo. Para DAVIS e OLIVEIRA (1992, p.9):

Piaget definiu o desenvolvimento como sendo um processo de equilibrações sucessivas. Entretanto, esse processo, embora contínuo é caracterizado por diversas fases, ou etapas, ou períodos. Cada etapa define um momento do desenvolvimento ao longo do qual a criança constrói certas estruturas cognitivas.

Piaget desenvolve em sua teoria que traz estágios sobre o desenvolvimento, são eles: estágio sensório motor, pré-operatório concreto, operatório formal.
Sensório - motor, vai do nascimento até cerca de 2 anos de idade, nessa fase a criança ainda não é capaz de trabalhar com símbolos, com a linguagem, ainda está presa ao atual momento, estabelece diferenças entre si mesma e os objetos a seu redor.
Pré-operatório, dos 2 anos, até cerca de 7 anos, essa fase se inicia com o aparecimento de linguagem oral, que é uma função simbólica; a criança continua agindo sobre o meio, começa a fase da curiosidade, dos porquês, surge o pensamento intuitivo.
Operações concretas, dos 7 anos até cerca dos 12 anos, os raciocínios concretos já realizados desde que associados a uma realidade concreta, começa a capacidade de classificar e de fazer transformações reversíveis, surge algumas noções de conservação.
Operações formais, aproximadamente a partir dos 12 anos, aparecem o raciocínio lógico e concreto, a criança é capaz de pensar usando abstrações, hipóteses. Nessa fase o adolescente atinge o grau mais complexo do seu desenvolvimento cognitivo.

O desenvolvimento cognitivo não pode ser confundido com a aprendizagem, "... o primeiro é o processo espontâneo, que se apoia predominantemente no biológico. Aprendizagem, por outro lado. É encarada

como um processo mais restrito, causado por situações especifica... e subordinado tanto à equilibração quanto a maturação". Davis (1992)

Por meio das habilidades de raciocínio, podemos ampliar nosso conhecimento por meio das conclusões que fazemos. Elas nos permitem manter a coerência logica de nossos juízos e pensamentos. O que Lipman nos ensina, na verdade, através dessa prática, é que existe a possibilidade de os alunos terem um pensar reflexivo e autônomo, diante das questões que lhes são apresentadas, seja através das disciplinas do currículo em si ou nos conflitos vividos pela sociedade.

É surpreendente como as crianças pequenas conseguem organizar as palavras gramaticalmente corretas, utilizam a linguagem expressando exatamente o que desejam falar, algumas, porém sentem mais dificuldades de se comunicarem corretamente, apesar dessa diferença conseguem raciocinar de modo que consigamos entender o que desejam.

É importante estimular o raciocínio da criança, mesmo que seja numa simples leitura conversa entre amigos, dessa forma estaremos preparando- a para que tenha facilidade de identificar similares e diferenças, metáforas, analogias, argumentar seu ponto de vista em uma discussão, criticar, estabelecer confrontos de opiniões etc.

A criança começa a raciocinar filosoficamente quando ela pergunta "por quê?", a partir desse momento, inicia-se o diálogo investigativo e começará a fazer perguntas de todos os tipos: "Por que o mundo é redondo?" "Por que a cadeira tem que se chamar cadeira e não bola?", as perguntas continuarão por muito tempo, enquanto não forem satisfatórias ou sua imaginação continuar.

Anseiam por respostas que sejam totalmente literais, explicações cientificas, simbólicas, nem contos de fadas, mas que satisfaçam a sua curiosidade, geralmente deverão ser filosóficas, pois muitas perguntas que fazem são consideradas difíceis de responder.

As perguntas feitas com mais frequência envolvem a lógica, ética e a metafísica.

A lógica tem a ver com o raciocínio, com o pensar e as perguntas que a envolvem, geralmente abrangem regras que devemos segui-las para que se tenha consciência, por exemplo: "se o desconto do cinema é somente as quartas-feiras, pressupõe-se que de quinta a terça não haja descontos".

As crianças podem não comentar a respeito das perguntas éticas, mas tem muitas coisas que elas não acham justo, está interessado na moral como todos nós, o que é certo e errado, bom e mal, por exemplo: "Não é justo ficarmos esperando algum tempo no estacionamento do shopping, e quando surgir uma vaga, um outro carro vem estacionar no lugar em que estávamos aguardando".

As perguntas metafisicam são mais complexas, por esse motivo mais difíceis de responder, englobam temas mais gerais. Muitas vezes nos pegam de surpresa e nos deixam sem saber o que responder no momento, por exemplo: "O que é morte?", "O que é tempo"?, "O que é espaço?", "O que é valor?".

Por meio dessas perguntas podemos perceber que o raciocínio filosófico começa bem antes da idade adulta, dessa forma as crianças necessitam ser estimuladas e desafiadas desde pequenas, para que possam desenvolver seu raciocínio lógico.

O diálogo investigativo, faz com que os alunos se posicionem diante de situações diversificadas, expondo e ouvindo opiniões, refletindo sobre elas e justificando-as. Aprender a questionar e dialogar é extremamente importante para que os alunos consigam filtrar a imensa quantidade de informações que chega até eles. "Crianças que são ensinadas a raciocinar através da filosofia apresentem uma melhora no raciocínio de 80%, maior que as crianças que não foram expostas à filosofia (Lipman, 1995).

As crianças são curiosas, adoram a expressão por quê? Piaget explica essa fase como finalismo, porque atribui papel importante à finalidade na explicação do universo, dessa forma a criança constrói novas estruturas, resolvendo seus conflitos internos e decepcionantes constatar que o adulto contribui para que aos poucos ela vá perdendo essa curiosidade e interesse, natural de toda criança sadia, que reflete e quer saber a respeito do mundo em que vive.

Quando começa, a investigar sobre determinado assunto em que está curiosa, ela faz premissas, mesmo assim precisa de base

para se chegar à conclusão. “caminha lentamente”, analisa sintetiza, conclui até resolver o problema em questão.
Habilidade de investigação está associada com a execução de métodos científicos ou com a busca dos caminhos para se chegar as soluções dos problemas. Para auxiliar a investigação, deve-se desenvolver a observação, expor com precisão questões e hipóteses, fazer generalizações adequadas, constatar, verificar etc.
O Programa de Filosofia Para criança não prioriza apenas a capacidade do desenvolvimento do raciocínio lógico, mas o julgamento e atuação no espaço social, portanto ele enfatiza que o resultado deve ser o desenvolvimento da razoabilidade.
É importante compreendermos que ser razoável não significa o uso da racionalidade pura, mas ser capaz de também fazer julgamentos. A escola deve proporcionar uma educação que invista na razoabilidade, isto é, que seja acrescentada a ela o julgamento. Deve priorizar o contexto no qual os alunos aprendam a usar a razão para que possam crescer capazes de raciocinar, "se fundamentar na razão significa um número maior de futuros pais razoáveis cidadãos mais razoáveis e fatores mais razoáveis em geral” (LIPMAN, 1995, p. 22).

A SALA DE AULA COMO UMA COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO

Torna-se impossível trabalhar filosofia em uma sala de aula tradicional, com professores autoritários, rígidos, alunos quietos e sentados em fileiras, falando somente quando solicitado, fazendo exercícios de memorização, a filosofia entre outros fatores, exige conversação e diálogo par se tornar uma comunidade de investigação. Investigação não é um comportamento habitual, convencional ou tradicional. Mas se na prática houver a autocorreção, resultará na investigação. Abrange o comportamento do cientista que explora. Quando se está envolvido em considerar alternativas, construir hipóteses, testar e outras formas de busca para se chegar a um caminho.

É basicamente através das habilidades de investigação que as crianças aprendem a associar suas atuais experiências com aquilo que já aconteceu em suas vidas e com aquilo que esperam que aconteça. Elas aprendem a explicar e prever, e a identificar causas e efeitos, meios e fins, e meios e consequências, como também a distinguir estas coisas entre si. Elas aprendem a formular problemas, estimar, medir e desenvolver as inúmeras capacidades que formam a prática que se associa ao processo de investigação. (LIPMAN, 1995, p. 66).

Segundo Lipman (1990) a disciplina filosofia é adequada tanto para o ensino do 1º como do 2º grau, porque é possível traduzir todo conhecimento acumulado em linguagem simples e sequenciada de acordo com o nível em que a criança está no momento. Por meio das novelas, pode transmitir conceitos e conhecimentos relativamente difíceis para a compreensão da criança, como logica, temas éticos e metafísicos, mas de modo que ela entenda com exemplos de seu dia a dia, transmitidos por crianças e adultos numa linguagem simples, interessante e educativa, oferecendo aos jovens um modelo de vida mais racional, auxiliando numa futura experiência pessoal e social mais fundamentada.
Pode-se aproveitar o ambiente de uma sala de aula convencional, mas os alunos deverão estar em círculo de maneira que todos possam ver e ouvir os colegas, deverão se sentir livres para falarem o que desejam, mas se respeitado mutuamente.
De acordo com o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, para se transformar a sal de aula numa comunidade de investigação é necessário:
Fazer com que os alunos falem de modo bem articulado e estruturado. A fala opera o pensamento. Para Vygotsky o pensamento a linguagem tem origens diferentes, mas em certo momento do desenvolvimento eles se unem e organizam-se. (Seminário 1989).
Fazer os alunos cada um na sua veze sobre o assunto do momento, deverão levantar a mão quando desejam falar, respeitando a opinião e os pontos de vista dos amigos, e não poderão falar sobre qualquer outro assunto, somente ao tema em pauta, isto garante a coerência e facilita na organização

interna.
Cobrar dos participantes que ouçam o que os outros dizem habituá-los a ouvir e prestar atenção garante a organização das ideias.
Pedir aos participantes que falem sobre o que acham do que ou outros dizem, prestando mais atenção poderão se posicionar a respeito do que é dito, concordando ou discordando do tema em questão.
Exigir dos participantes, que apresentem razões justificadas para o que dizem fundamentado suas posições.
Trabalhar a "historias" e os temas, por eles suscitados.

Os alunos deverão:
Permanecer em círculo para facilitar o diálogo.
Ler em voz alta, cada criança lerá um parágrafo da história a ser trabalhada, a leitura ajudará a estimular mais o envolvimento grupal.
Estimulará a prática, o gosto pela leitura e pelo entendimento, conceituando e reconhecendo parágrafo.
Ampliação do vocabulário.
Levantar as questões que o texto sugere, o professor deverá deixar que os próprios alunos assumam o levantamento, dessa forma aprenderão a identificar e formular problemas e organizar pensamentos.
Identificar as questões, cujas preocupações se relacionem, estabelecendo analogias entre as ideias, facilitando na identificação dos temas para o debate e preparando para síntese.
Examinar criticamente os temas levados, trocando ideias e pontos de vista pessoais, dando mais clareza aos temas abordados.
Utilizar outras formas de expressão, que não seja somente a expressão oral, estimulando assim, os alunos a se expressarem por meio da escrita, teatro, desenho, pintura, música, jornal, etc.
"... tal metodologia promove o verdadeiro processo de construção coletiva do conhecimento a respeito dos temas levantados e, como processo, é excelente recurso para o desenvolvimento das habilidades do pensamento". (Texto do Centro Brasileiro de Filosofia).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar a importância vital da leitura e da escrita em nossas vidas. Esses dois processos, que caminham lado a lado, desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento pessoal, intelectual e emocional de cada indivíduo.
A leitura nos permite explorar novos mundos, ampliar nossa compreensão do universo e nutrir nossa imaginação. É por meio dela que adquirimos conhecimento, desenvolvemos empatia, aprimoramos o pensamento crítico e nos conectamos com diferentes perspectivas e culturas.
Por outro lado, a escrita é a ferramenta que nos possibilita expressar nossas ideias, sentimentos e experiências de forma única e autêntica. Ao escrever, organizamos nossos pensamentos, aprimoramos nossa capacidade de comunicação e deixamos um legado que pode impactar positivamente a vida de outras pessoas.
Ao reconhecer a interdependência entre a leitura e a escrita, percebemos que esses processos são essenciais para o desenvolvimento integral do ser humano. Eles não apenas nos permitem adquirir conhecimento e expressar nossa criatividade, mas também nos capacitam a nos tornarmos cidadãos mais críticos, informados e participativos na sociedade.
Portanto, incentivar a prática da leitura e da escrita em todas as idades e contextos é investir no potencial humano, na construção de sociedades mais justas e no fortalecimento da democracia. Que possamos valorizar e cultivar esses dois pilares do conhecimento, pois juntos, eles nos conduzem a um mundo de possibilidades infinitas e transformadoras.

REFERÊNCIAS

DAVIIS, Claudia; OLIVEIRA, ZILMA. Psicologia da Educação. 2°ed. São Paulo, Cortez;2008

LIPMAN, Matthew. A filosofia vai à escola. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

LIPMAN, Matthew. A filosofia na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

LIPMAN, Matthew. O pensar na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ORLANDI, E. P. Discurso e leitura. Campinas: Cortez, 2000.